**O IDEAL DE SANTIDADE NA *VIDA DE SÃO GODRIC* NO CONTEXTO DO MONAQUISMO REFORMADO NA INGLATERRA NO SÉCULO XII.**

Raimundo Carvalho Moura Filho

Mestrando, Bolsista/CAPES/PPGH,/UFG, Campus Samambaia-Goiânia.

Email: raimundo.hist.cesi@gmail.com

Orientadora: Dra. Dulce Oliveira Amarante dos Santos

Email: doas52@hotmail.com

**RESUMO:** A *Vida de São Godric*, hagiografia escrita no século XII pelo monge beneditino Reginald de Durham, apresenta um santo que, após exercer a atividade de mercador, “resolveu seguir os passos da verdade” através da ascese e da prática eremítica. (DURHAM, 1918, p.17). O eremitismo de São Godric é evidenciado na *Vida de São Godric* como um *nimius* (excessivo), daí os motivos pelos quais Reginald aponta a necessidade da disciplina e obediência à hierarquia eclesiástica. O modelo de santidade, por tanto, embora intimamente ligado à noção de ascetismo, esse ato pessoal e heroico que consistia em retirar-se “do mundo para chorar os seus pecados”, tal como os antigos padres orientais procediam (VAUCHEZ, 1989, p.218), necessitava do cumprimento e obediência aos preceitos da ordem beneditina, como a prática litúrgica e o reconhecimento da autoridade do priorado. (ALEXANDER, 2000, p.86). A *Vida de São Godric*, acreditamos, fez eco às transformações socioeconômicas e culturais ocorridas entre os séculos XI e XII e que impulsionaram o monaquismo reformado na Inglaterra, cujas características foi a renúncia do mundo em detrimento de uma vida eremítica.

**Palavras-chave:** Hagiografia. Santidade. Eremitismo. Reforma Religiosa.

**O monasticismo reformado no nordeste da Inglaterra: a comunidade monástica de Durham**

As transformações religiosas ocorridas na Europa ocidental entre os séculos XI e XII, impulsionadas pelo renascimento comercial e urbano, foram manifestadas nos diversos segmentos da vida social por um ideal de *vita apostólica*. Essa “nova” espiritualidade estava relacionada ao renascimento monástico, que culminou na fundação de ordens religiosas diversas. Assim, a *vita apostólica*, a ideia de simplicidade enquanto base para alcançar a salvação, fora expressada de diversas maneiras.

A busca por um retorno aos fundamentos da Igreja, em suma, o desejo de resgatar a originalidade da religião cristã primitiva, uma das características centrais do “novo monarquismo”, foram expressados por práticas ascéticas e eremíticas. Os beneditinos foram criticados pelas novas ordens religiosas, como os cistercienses, de terem se afastados do “monaquismo primitivo”. Segundo o historiador da religião André Vauchez, “com efeito, a humildade e a penitência, que eram as palavras de ordem espirituais dos movimentos apostólicos, reintegravam-se, pelos Monges Brancos, no seio do cenobitismo beneditino”. (VAUCHEZ, 1995, p.89).

Na Inglaterra e, especificamente, no nordeste dessa região, a “nova” espiritualidade que foi impulsionada pelos movimentos de reforma passou a expressar o anseio de monges em seguir uma religiosidade mais rígida, através da prática de ascese e eremítica. A comunidade monástica de Durham, ao qual Reginald de Durham, autor da *Vida de São Godric*, era membro na qualidade de monge, passou por mudanças no plano espiritual e também administrativo entre fins do século XI e meados do século XII, no período contemporâneo, portanto, à época dos movimentos de reforma religiosa. Assim, acreditamos que o ideal de santidade veiculada na *Vida de São Godric*, objeto de reflexão deste artigo, estava atrelado a um meio “sociocultural e mental”, enquanto condicionante das escolhas e projeções efetuadas pelo autor da hagiografia. (AMARAL, 2013, p.34).

O ideal de santidade, evidenciado pelo autor da *Vida de São Godric* era fruto, portanto, do imaginário social porque manifestava as aspirações, os desejos e estereótipos do hagiógrafo, Reginald de Durham e os seus “congêneres”, os monges beneditinos de Durham. Nesse sentido, foi de salutar importância estabelecermos uma discussão sobre as transformações que a comunidade monástica de Durham foi alvo entre os séculos XI e XII, em grande medida em decorrência dos movimentos religiosos contemporâneos. Essa discussão historiográfica[[1]](#footnote-1) foi efetuada com o objetivo de compreendermos o meio sociocultural em que a *Vida de São Godric* foi confeccionada e que, assim, possamos refletir sobre o ideal de santidade projetado por seu hagiógrafo.

Desde a transferência da Comunidade de São Cuteberto para Durham, em finais do século X, essa localidade passou a ocupar um importante centro religioso no nordeste da Inglaterra. As relíquias do santo anglo-saxão foram transladadas para Durham pelos monges da Comunidade de São Cuteberto, em 995. Antes disso, a comunidade de monges que se erigiu em torno das relíquias de São Cuteberto havia se estabelecido em Lindisfarne. Em 1083, quase um século, portanto, após se estabelecerem em Durham, a Comunidade de São Cuteberto “foi reconfigurada como uma *comunidade monástica formal* com laços estreitos com as fundações contemporâneas de Whitby, St. Mary, York e com ligações constitucionais com toda a ordem beneditina”. (LUFF, 2001, p.21, destaque nosso).

A mudança que levou a Comunidade de São Cuteberto, ligada essencialmente ao culto local das relíquias do santo anglo-saxão, ao *status* de uma comunidade monástica formal, estava relacionada ao impulso monástico do norte que teve como um de seus empreendedores os monges Aldwin, Aelfwig e Reinfrid, que partiram da abadia de Evasham, localizada no vale de Severn, ao sul da Inglaterra. Inspirados pelos escritos de Beda, o Veneravel[[2]](#footnote-2), esses monges pretendiam “reviver” o monasticismo anglo-saxão. A fundação do Priorado de Durham, em 1083, esteve atrelado, assim, a uma religiosidade marcada por um desejo de retorno às fontes, de refazer o itinerário dos santos ingleses. (ALEXANDER, 2000, p.13).

Assim o renascimento monástico, no qual a fundação do mosteiro beneditino de Durham esteve associado, foi marcado também por um ideal de vida ascética e eremítica. O ideal eremítico, nesse sentido, esteve imbricado na fundação das primeiras comunidades monásticas. Segundo a historiadora Alexandra Luff, “essa tendência destaca duas questões cruciais. Em primeiro lugar, o renascimento monástico dos anos 1070 foi uma expressão típica do *movimento de reforma* que estava afetando a vida espiritual contemporânea em toda a Europa.”. (LUFF, p.56, destaque nosso).

As novas ordens religiosas, como os cistercienses, passaram a criticar, explicita ou implicitamente, a vida monástica tradicional, tidas como excessivamente litúrgica e adversa ao verdadeiro proposito da Igreja, que era seguir uma vida de simplicidade evangélica e pobreza voluntaria. (VAUCHEZ, 1995, p.85). A fundação do Priorado de Durham esteve correlacionado aos movimentos de reforma, no que tange ao proposito de seguir uma vida simples e comunitária expressado pelos seus fundadores, os monges Aldwin, Aelfwig e Reinfrid, como foi discutido acima. No entanto, a comunidade monástica de Durham no século XII, passou a coexistir com as novas ordens religiosas, sobretudo com a expansão da ordem de Cister, o que sugere a existência de tensões entre os monges negros e os monges brancos.

Em 1104, a comunidade monástica de Durham fundou a sua catedral, atraindo, assim, cada vez mais devotos ao culto de São Cuteberto. A construção da Catedral de Durham[[3]](#footnote-3) exprimiu, assim, as intenções dos monges beneditinos em alargar o raio de atração do culto às relíquias de São Cuteberto, na medida em que se firmavam enquanto legítimos herdeiros do cristianismo antigo pela posse da memória sagrada relacionada ao santo anglo-saxão. Nesse sentido, do ponto de vista religioso, mas também político, porque estreitou o seu contato com as comunidades beneditinas de Whitby, St. Mary e York, a comunidade beneditina de Durham passou a desempenhar uma preponderância enquanto centro de peregrinação no nordeste da Inglaterra. (FINUCANE, 1995, p.142-3).

Para a historiadora britânica Alexandra Luff, “o priorado originou-se da vida religiosa simples vivida por Aldwin e seus companheiros, mas rapidamente adquiriu o peso de uma história antiga e a responsabilidade por uma vasta herança[[4]](#footnote-4)”. Quando Reginald de Durham escreveu a *Vida de São Godric* no século XII, o contexto sociocultural da comunidade monástica de Durham estava marcado pelo processo de intensificação da presença beneditina no nordeste da Inglaterra enquanto resposta, em parte, à expansão das novas ordens religiosas que se expandiam. (LUFF, 2001, p.56).

Com a posse das relíquias de São Cuteberto, os monges da ordem religiosa de São Bento se preocuparam, portanto, em perpetuar o culto e o legado do santo anglo-saxão através do desenvolvimento de células[[5]](#footnote-5), como em Lindisfarne e em Farne. A confecção da *Vida de São Godric* atendia a intentos semelhantes, ou seja, o de afirmar a legitimidade enquanto herdeiros do legado de santo eremita. A escrita hagiográfica empreendida por Reginald de Durham, buscou, assim difundir o culto de um santo eremítico que, sob a tutela do Priorado, fosse digno de culto no *post mortem*. (TUDOR, 1979, p.68-72).

As tentativas dos monges beneditinos de Durham em cristalizar o controle sobre o culto de São Cuteberto entre os séculos XI e XI refletia as tensões com os cistercienses que também se expandiam no nordeste da Inglaterra. Umas das “armas” desenvolvidas pelos monges negros foi, portanto, a difusão do culto de São Cuteberto sobre a tutela de Durham. O estabelecimento desses locais de culto atraia, assim, peregrinos de diversas localidades, embora Durham continuasse a ser, no nordeste da Inglaterra, o principal foco de peregrinação ao longo do no século XII.

Embora Finchal, onde São Godric estabeleceu seu eremitério na segunda metade do século XII, não estivesse diretamente ligado aos locais sagrados que São Cuteberto havia estabelecido contato em vida, essa ilha atraiu os monges de Durham pela presença crescente de eremitas nessa localidade. A partir do século XII, a ilha de Finchal recebeu intervenção dos monges beneditinos de Durham, “enviados para o eremitério para viver com Godric e começar o processo de reivindicar a posse do local e do legado”. (LUFF, 2001, p.66). A necessidade de difusão do culto a São Godric, assim como a devoção a São Cuteberto em Lindisfrne e Farne, foi uma preocupação premente dos monges negros de Durham. A *Vida de São Godric*, enquanto produto do meio sociocultural tinha, além da finalidade de tornar conhecida a vida do santo, divulgar um modelo de santidade que atendia às “aspirações” do seu autor “e de seus congêneres, adequada a seu modelo e estereótipo do homem santo, sobretudo, aquele revestido por uma santidade que pesou lícita e salutar dar a conhecer.” [[6]](#footnote-6). (AMARAL, 2013, p.34-5).

 **O ideal de santidade na *Vida de São Godric***

 A reflexão aqui proposta a respeito do ideal de santidade verificado na *Vida de São Godric*, nos conduziu a uma breve discussão sobre o renascimento monástico e o seu paralelismo com o fenômeno das reformas religiosas na Inglaterra entre os séculos XI e XII. Acreditamos que a confecção dessa hagiografia em meados do século XII estava correlacionada à elevação da comunidade monástica de Durham enquanto centro político e religioso no nordeste da Inglaterra. O renascimento monástico foi um dos sintomas dos movimentos de reforma religiosa que pretendia um retorno às “raízes da Igreja”, imbuído de uma espiritualidade que privilegiasse a vida simples, conduzida de forma individual ou comunitária.

A *Vida de São Godric*, fez eco a essas aspirações e práticas religiosas. O ideal de santidade reproduzido na trajetória de São Godric, apresenta elementos que eram típicos dos movimentos religiosos contemporâneos, sobretudo os elementos relacionados às novas ordens religiosas, como os cistercienses. No entanto, embora São Godric viveu em parte como um asceta e eremita independente em Finchal até meados do século XII, o seu hagiógrafo era um beneditino, membro portanto, de uma instituição religiosa fundada na disciplina e na hierarquia. Isso significa dizer que a escrita hagiográfica estava permeada de representações da ordem social e manifestava, nesse sentido, interesses do hagiógrafo e de seus coatores. Daí os motivos pelos quais, como discutiremos, Reginald de Durham, autor da *Vida de São Godric*, se interessou em projetar um ideal de santidade que combinava elementos ascéticos e eremíticos, não se abstendo, por outro lado, de ressaltar a necessidade da obediência à disciplina monástica por parte do hagiografado. O que foi evidenciado pela associação do santo ao Priorado de Durham, inserido, ainda em vida, nas práticas monásticas beneditinas[[7]](#footnote-7), bem como a difusão do seu culto *post mortem*. (TUDOR, 1979, p.71).

Os valores difundidos pela espiritualidade no contexto dos séculos XI e XII na Inglaterra veiculava uma crítica às estruturas da Igreja, acusadas de se afastarem da simplicidade, da disciplina religiosa e por manter uma tradição que não condizia com o ideal “*Ecclesiae primitivae forma*”. Assim, o anseio por um *back-to-back*, a proposta de um “retorno aos fundamentos” da Igreja primitiva, marcaram a prática monástica influenciada pelas reformas religiosas a partir do século XI. (LUFF, 2001, p.203). Como questiona o historiador André Vauchez, “não levavam eles [os monges] *vida apostólica*, eles que, *renunciando a seus bens pessoais e à sua vontade própria*, viviam em comum para melhor servir ao Senhor?” (VAUCHEZ, 1995, p.71, destaque nosso).

No caso da comunidade monástica de Durham, que teve que dividir espaços com os cistercienses, o que ocasionou tensão entra a tradicional casa monástica e os “novos religiosos”, uma das vias para a solução desse conflito foi promover o culto a São Cuthbert em Lindisfarne e em Farne. (ALEXANDER, 2000, p.18). A intensificação da presenças dos monges negros em Finchal no século XII, quando São Godric era um eremita nessa localidade, evidencia a estratégia de promover e estabelecer uma outra localidade para o culto e peregrinação no nordeste da Inglaterra. A comunidade de Durham se armava, portanto, contra as ameaças que via surgir na ascensão de novas ordens religiosas.

O itinerário de São Godric, foi sintomático nesses sentido. Ele havia atuado como um comerciante até certo momento de sua vida. No entanto, gradualmente, abandou todas as suas riquezas para viver uma vida ascética e eremítica. Empreendeu peregrinações à Roma, a Santigado de Compostela e a Jerusalém. Antes de realizar essas peregrinações, São Godric foi a Lindisfarne*,* “onde St. Cuteberto tinha sido bispo” e foi também à ilha de Farne, “onde aquele Santo tinha vivido como uma eremita, e onde St Godric (como ele mesmo poderia dizer depois) passou a meditar na vida do santo com lágrimas abundantes”. (DURHAM, 1918, p.419).

Compreendemos que o mosaico de lugares evidenciados na hagiografia buscava enunciar aspectos vinculados à perfeição do santo. Os lugares de peregrinação e os santos sepulcros, como os de Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela significava para o peregrino, portanto, lugares santos por excelência. Como enfatiza a historiadora Susani França, “seu alvo era, sem dúvida, sublime: encontrar a si mesmo no caminho rumo a Deus”. (FRANÇA, 2018, p.02). É significativo, nesse sentido, que o desejo de São Godric em abandonar os seus bens “mundanos” e seguir uma vida eremítica nasceu a partir do contato que ele estabeleceu com os lugares ligados a São Cuteberto. Segundo o seu hagiógrafo, foi a partir desses contatos com os lugares sagrados de Lindisfarne e Farne que:

Ele [São Godric] começou a ansiar por solidão e a manter sua mercadoria em menor estima do que até agora ... E agora ele havia vivido dezesseis anos como comerciante, e começou a pensar em gastar em caridade, com a honra e serviço de Deus, os bens que ele havia adquirido tão laboriosamente.

(DURHAM, 1918, p.419).

São Cuteberto, segundo um de seus hagiógrafos, Beda, o Veneravel, havia sido um eremita em um certo momento de sua vida. As localidades de Lindisfarne e Farne, desempenharam um importante papel para a comunidade beneditina de Durham entre os séculos XI e XII uma vez que remetiam aos lugares sagrados que o santo anglo-saxão habitou. Se tornou necessário, e mesmo indispensável, para Reginald de Durham e os demais monges de Durham estabelecerem conexões entre a escolha eremítica de São Godric e a experiência de São Cuteberto que ocupava, no mundo simbólico e no meio sociocultural dos monges negros, um papel de primeira importância.

A confecção da *Vida de São Godric*, enfatizamos, não buscava propagandear um estilo ascético e eremítico *per se*. O contato do priorado de Durham com São Godric sugeria o interesse em inseri-lo na orbita dos santos sob a tutela dos beneditinos. Isso pode ser evidenciado a partir da presença de monges do priorado no eremitério de São Godric, em Durham. O interesse dos monges de Durham na vida eremítica de São Godric aponta o interesse em “adquirir o local do eremitério de Godric em Finchal, a fim de controlar qualquer culto que pudesse surgir após a sua morte” (LUFF, 2001, p.70).

Segundo o historiador britânico Dominic Alaxander, o eremitismo na fase independente de São Godric, antes da intervenção dos monges de Durham, portanto, culminou na caraterização de suas práticas ascética como *nimius*, ou seja, algo *excessivo* e que não condizia com os *princípios* da vida religiosa. Para Dominc Alexander, antes de ser associado ao priorado de Durham, as práticas ascéticas de São Godric eram, por tanto, traduzidas em imagens que remetiam ao um estado selvagem, brutal e excessivo. No entanto, a partir do momento que São Godric se associou ao priorado, e isso significava cumprir inclusivo com as práticas litúrgicas do convento, o seu estado de vida “selvagem” foi relativizado em detrimento da obediência às regras beneditinas. (ALEXANDER, 2000, p.76). As exposições de Reginald de Durham sobre as práticas de São Godric em sua fase independente “sugere uma figura quase bestial que rejeitou quase todos os aspectos da sociedade e se reduziu ao mais baixo nível da existência humana”. (LUFF, 2001, p.220).

O pesquisador inglês Tom Licence, abordou a aproximação entre o Priorado de Durham e o eremitério de São Godric, em Finchal, enquanto parte do processo que visava fazer frente ao desenvolvimento da ordem dos cistercienses em Durham. A possibilidade de fundação de uma abadia cisterciense em Durham representava uma ameaça ao monopólio dos monges negros nessa localidade. Assim, para evitar a fundação de uma abadia cisterciense em Finchal, o Priorado de Durham saiu na ofensiva e vinculou o eremitério de São Godric. (LICENCE, 2003, p.318).

O ideal de santidade proposto na *Vida de São Godric* estava associado ao estilo ascético e eremítico, evidenciado pelo abandono das riqueza “mundanas” e pela a opção de habitar Finchal, em locais afastados do contato com o exterior. No entanto, isso não significou que Reginald, partícipe de um meio sociocultural fundamentado na obediência às disciplinas e, portanto, hierárquico, se interessou em promover uma prática eremítica de toda independente. Seu propósito premente era, ao contrário, assimilar à comunidade beneditina de Durham a memória sagrada de São Godric. Os elementos ascéticos e eremíticos eram intermediados, assim, pelos princípios de moderação específicos da instituição monástica. Daí a atitude do priorado de Durham em estabelecer relações com São Godric, na qual a narrativa hagiográfica desempenhou um papel fundamental nesse sentido, porque buscou tornar público esse processo, o de associação do legado do santo eremítico à comunidade beneditina.

 As tentativas de inserir São Godric no meio monástico beneditino, que resultava no cumprimento dos princípios beneditinos, “indica que os monges não estavam simplesmente abertos a toda e qualquer contato ou relacionamento espiritual que se apresentasse.” Evidencia, desta maneira, que o priorado de Durham “tinham critérios rígidos sobre com que e de que maneira conduziria os seus relacionamentos espirituais”. (LUFF, 2001, p.70).

Na *Vida de São Godric*, por tanto, o ideal de santidade associado ao estilo ascético e eremítico pelo *exempla* do hagiografado, não significava a redução do papel do priorado de Durham na condução espiritual dos ascetas e eremitas. Os monges beneditinos passaram a ocupar o eremitério de São Godric para reivindicar o local enquanto parte do convento de Durham. A intervenção dos monges de Durham no eremitério de São Godric, em Finchal, evidencia, por conseguinte, exatamente o oposto. Buscava, assim, controlar, moderar e alinhar as práticas ascéticas de São Godric “com os princípios beneditinos de moderação e adotar a regra do silêncio em determinado momento”. (LICENCE, 2003, p.318). O hagiógrafo, Reginald de Durham, traduziu esse processo de aproximação entre São Godric e o priorado de Durham, não de forma imparcial, mas “por seu desejo ‘partidário’, e necessário, ainda que algumas vezes mesmo não de todo consciente, de apresentar uma personalidade construída para o atendimento de suas aspirações e de seus congêneres”. (AMARAL, 2003, p.34). Assim, foi a partir da aproximação com a comunidade monástica de beneditina que “Ele [São Godric] finalmente se instalou em Finchale perto de Durham; mas foi quarenta anos antes de poder finalmente conquistar suas paixões e alcançar a paz em sua nova vida”. (REGINALD, 1918, p.19).

**Considerações finais**

As reflexões aqui efetuadas sobre o ideal de santidade na *Vida de São Godric* nos permitiu identificar, mais do que um santo ideal, um modelo de santidade específica, ligada às escolhas do hagiógrafo e de seus coatores, condicionados que estavam por um meio sociocultural, o mosteiro beneditino de Durham. O ideal de santidade congregava, portanto, elementos ascéticos e eremíticos representados pela experiência de vida do hagiografado. A opção ascética e eremítica de São Godric, requerida e codificada pela hagiografia, mais do que propagandear um ideal de santidade desvinculada da instituição monástica, foi intermediada pelos princípios de moderação beneditina. A escrita hagiográfica, nesse sentido, atestou o processo pelo qual as práticas independentes de São Godric foram moderadas e, portanto, dignas de serem seguidas pela coletividade.

REFERÊNCIAS

**1-Documentação**

DURHAN, Reginald de. “Vida de São Godric" In: COULTON, George Gordon. **Social life in Britain from the Conquest to the Reformation**. London: Cambridge University Press, 1918, p. 415-420.

**2-Bibliografia**

AMARAL, R. **Hagiografia e vida monástica:** o eremítismo como ideal monástico na Vita Sancti Frutuosi. Tese (Doutorado em História e Sociedade)– Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_\_ **Santos imaginários, santos reais:** A literatura hagiográfica como fonte histórica. São Paulo: Intermeios, 2013.

\_\_\_\_\_\_ **A Santidade habita o deserto:** A hagiografia á luz do imaginário Social. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_\_ **Da renúncia ao mundo à abolição da História**: O paraíso no imaginário dos Pais do Deserto. Campo Grande: Editora da UFMS, 2011.

\_\_\_\_\_\_ **A ilusão autobiográfica em Valério de Bierzo:** uma reflexão sobre a natureza do autor e do individuo na literatura hagiográfica medieval. Revista História e Cultura, Franca-SP, v.2, n.3 (Especial), p.349-363, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/JAY/Downloads/1110-3911-2-PB.pdf> Acesso em: 27 de Mai de 2018.

ALEXANDER, Dominic David. **Hermits, Hagiography, and Popular Culture:** A Comparative Study of Durham Cathedral Priory's Hermits in the Twelfth Century. (Tese de Doutorado), University of London, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Aiges: Difusão Editorial, 2002.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Tradução: Maria Helena Costa Dias. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1994.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Eva barbada:** ensaios de mitologia medieval. EDUSP: São Paulo, 2010.

GINZBURG, Carlo. **A micro-historia e outros ensaios**. Tradução de Antoni Narino. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

LICENCE, Tom. The benedisctines, the cirtercians and the acquisition of a hermitage in twelfth-century Durham. **Journal of Medieval Historory**, 2003, p.315-329. Disponivel em; <file:///C:/Users/JAY/Downloads/docslide.com.br\_the-benedictines-the-cistercians-and-the-acquisition-of-a-hermitage-in-twelfth-century.pdf> Acesso em: 28 Abr. 2018.

LUFF, Alexandra N. Mary. **The place of Durham Cathedral Priory in the post-conquest spiritual life of the north-east. (**Durham theses). Durham University, 2001. Disponível em: <http://etheses.dur.ac.uk/1718/ Us> Acesso em: 03 Mai. 2018.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental**: séculos VIII a XIII. Trad.: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

1. A discussão sobre o renascimento monástico e sua relação com os movimentos de roforma ocorridos entre os séculos XI e XII na Europa Ocidental podem ser verificados nas seguintes obras: *Hermits, Hagiography, and Popular Culture: A Comparative Study of Durham Cathedral Priory's Hermits in the Twelfth Century*, *(2000)*, do historiador Dominic Alexander; *The place of Durham Cathedral Priory in the post-conquest spiritual life of the north-east (2001),* da historiadora britânica Alexandra Luff; *The benedisctines, the cirtercians and the acquisition of a hermitage in twelfth-century Durham, (2003)* do pesquisador Tom Licence e também o clássico, *A espiritualidade na Idade Média Ocidental* *(1995)* do historiador André Vauchez. [↑](#footnote-ref-1)
2. *Bede's Ecclesiastical History of the English People*. Reproduzimos aqui o título do documento que aparece no estudo *The place of Durham Cathedral Priory in the post-conquest spiritual life of the north-east (2001,* da historiadora britânica Alexandra Luff. (LUFF, 2001, p.24). [↑](#footnote-ref-2)
3. Ao longo deste artigo, ora nos serviremos da expressão “monges beneditinos de Durham”, ora simplesmente “Priorado de Durham”. Evitamos a expressão “Priorado da Catedral de Durham”, porque entendemos que tal alusão à Catedral em sim necessitaria uma discussão mais aprofundada sobre as implicações econômicas e politicas, por exemplo, a respeito da construção desse edifício no terreno pertencente à comunidade monástica. [↑](#footnote-ref-3)
4. A legitimação dos monges beneditinos, enquanto herdeiros e continuadores da tradição de São Cuteberto, foi evidenciada pela edificação, ao longo do século XII, de células na Ilha de Lindisfarne e em Farne. A memória oficial do santo anglo-saxão estava tutelada, portanto, pelo priorado de Durham na medida em que estabeleciam contatos com os lugares relacionados ao itinerário do santo. [↑](#footnote-ref-4)
5. As células desenvolvidas pela comunidade beneditina de Durham eram localizadas em locais que remetessem a uma ligação com o itinerário de São Cuteberto. Uma espécie de culto secundário que poderia ser executado não necessariamente em Durham, essas células não deixavam de ser a expressão do controle beneditina em volta das relíquias de São Cuteberto a medida que pretendiam estabelecer os locais de peregrinação. “As celúlas de Lindisfame e Farne foram, portanto, vistas pelos monges de Durham como bens espirituais extremamente valiosos na promoção do culto de St Cuthbert”. (LUFF, 2001, p.65). [↑](#footnote-ref-5)
6. O procedimento teórico-metodológico aqui adotado foi fundamentado nos estudos do professor historiador Ronaldo Amaral sobre a função do imaginário na edificação da narrativa hagiográfica na Idade Média. Ver, por exemplo: *A função do imaginário na construção de uma santidade: a Vita Sancti Fructuosi (2013); A Idade Média e suas controversas mensurações: tempo histórico, tempo* *historiográfico, tempo arquétipo (2012),* bem como a sua tese de doutorado intitulada *Hagiografia e Vida Monástica: O eremítismo como ideal monástico na Vita Sancti Fructuosi (2006)*. [↑](#footnote-ref-6)
7. Embora incialmente São Godric tenha atuado como um eremita independente em Finchal, os monges beneditinos estabeleceram contatos com ele. Assim, “eventualmente, porém, Godric foi levado sob os cuidados e supervisão pastoral dos monges beneditinos. Segundo Reginald, Godric escolheu os priorados de Durham como seus mentores espirituais, tanto pela proximidade de seu convento quanto por sua devoção a *Cuthbert*, a quem Godric também era dedicado. Aos confrades fez confissão e jurou obediência como qualquer monge beneditino”. (LICENCE, 2003, p.318, destaque nosso). [↑](#footnote-ref-7)